

Algumas boas notícias – o apoio aos palestinos está crescendo

Via [New Politics](#)

Pode ser difícil de acreditar, mas contra o pano de fundo dos assassinatos diários de palestinos e das declarações de apoio geral a Israel por parte do Líder Imperial Biden, há algumas boas notícias. Muitos israelenses estão denunciando corajosamente o apartheid israelense e o apoio aos palestinos vem crescendo rapidamente em todo o mundo e em alguns lugares incomuns.

Um passo importante foi dado pelo grupo israelense B'Tselem em janeiro. O grupo tinha sido criado para monitorar os abusos dos direitos humanos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza. Ele investigaria e enviaria queixas para os militares israelenses e para a imprensa. Há alguns anos, ele desistiu de escrever para os militares. Era inútil. Em janeiro deste ano, publicou um relatório que pela primeira vez dizia que Israel (do rio até o mar) era um sistema do apartheid. Alguns meses depois, uma forte declaração foi assinada por mais de 1.000 judeus israelenses. Ela reconhece o status de apartheid de Israel e diz: “Recusamo-nos a aceitar o regime judaico-supremacista e conclamamos a comunidade internacional a intervir imediatamente em defesa dos palestinos em Gaza, Cisjordânia, Jerusalém, Galiléia, Negev, al-Lydd, Yafa, Ramleh, Haifa e em toda a Palestina histórica”.

Em maio, quando o IDF massacrou os palestinos, houve muitos comícios e muitas manifestações nos EUA em protesto. Em Connecticut houve comícios não em uma ou duas cidades, mas em seis. 35.000 pessoas compareceram em Washington D.C. Mais importante ainda, foram realizadas manifestações em lugares

onde não se suspeitaria de ter bases de apoio para a Palestina como Fargo, Dakota do Norte, Birmingham Alabama, Nova Orleans e em Miami, Flórida. Gritos de “Palestina Livre” se espalharam pelas ruas de Atlanta. O maior comício para a Palestina foi em Londres. Dezenas de milhares marcharam pelas ruas de Downing Street. “Organizadores, incluindo a Campanha de Solidariedade da Palestina e Amigos de Al-Aqsa, estimaram que pelo menos 180.000 pessoas participaram da manifestação de Londres, tornando-a a maior manifestação pró-Palestina da história britânica. “

Uma iniciativa que começou em maio mostrou até que ponto as coisas estavam mudando entre os judeus. Um desafio foi lançado ao símbolo sionista mais sagrado dos sagrados, a bandeira israelense. Aproximadamente 150 judeus pediram que ela fosse retirada de seu lugar em sinagogas, escritórios da Federação Judaica e afins. A declaração dizia que Israel era “um regime de apartheid” e observava que o apartheid tem sido um crime internacional desde os anos 70. Declarou que é “ofensivo ver espaços comunitários judeus acenarem com o emblema de um sistema criminoso”. Ela comparou a bandeira israelense à bandeira da Confederação, um emblema que agora é defendido apenas por racistas de peso. A formulação diz que Israel “desde seu início, tem estado determinado a subjugar ou remover totalmente os palestinos originários da terra em que vivem há séculos” e menciona a longa história das organizações sionistas e do Estado de Israel trabalhando com forças de extrema-direita e anti-semitas “mesmo que isso ponha em perigo os judeus do mundo inteiro”.

Os signatários incluem pessoas proeminentes como o professor de Cultura Talmúdica Daniel Boyarin, a professora Judith Butler, os rabinos David Mivasai, Lucía Pizarro e Gabriel Hagai, o rabino Michael Lerner, Kohenet Rae Abileah, a advogada Margaret Ratner Kunstler, a atriz israelense-alemã Nirit Sommerfeld, e muitas pessoas menos conhecidas identificadas na declaração por grupo ativista, ocupação ou

residência geográfica.

Outra carta judaica começou independentemente em maio, esta na Universidade de Yale. 100 judeus de lá emitiram uma forte declaração que dizia: “Como um grupo preocupado de Yalies judeus, pedimos aos nossos pares que se manifestem contra as atrocidades cometidas contra o povo palestino supostamente em nosso nome e em nome de nossa fé. ...Imploramos ao establishment judeu-americano que pare de conflitar a identidade judaica com o Estado de Israel”. Espelhando as preocupações da carta acima, a carta de Yale dizia: “Nós também dirigimos nossa demanda para o Centro Joseph Slifka para a Vida Judaica em Yale, um lugar onde a maioria de nós não se sentia bem-vinda desde que notou sua exibição da bandeira israelense em Wall Street [New Haven]. Rejeitamos inequivocamente sua cultura de silêncio ao redor da Palestina”. A carta também afirmava o apoio ao BDS.

No final de junho, o Conselho do Colégio de Yale (YCC), que é a representação de estudantes de graduação, debateu uma resolução sobre a Palestina. Apesar da oposição de Yale Hillel e Yale Friends of Israel, o YCC votou para endossar uma declaração condenando “a injustiça, o genocídio e a limpeza étnica que ocorrem na Palestina”.

Estes movimentos em Yale são bombas políticas. O campus nunca antes criticou Israel, e a linguagem da declaração foi feroz. O establishment judeu notou a reprimenda. Havia um artigo sobre o voto em Yale no site da JTA, a Agência Telegráfica Judaica, uma instituição judaica de 104 anos e também no Times of Israel.

Ainda mais surpreendente foi o resultado de uma pesquisa realizada pelo Instituto Eleitoral Judaico no final de junho. Ela mostrou que quase um quarto dos judeus norte-americanos consideram Israel um estado do apartheid. 22% dos pesquisados disseram que Israel estava cometendo “genocídio” contra os palestinos.

Depois houve a reação dos sindicatos dos EUA, apoio sem precedentes à Palestina. Esse foi o julgamento de uma peça do In These Times (ITT) no final de maio. Ele fala sobre um Roofer's Local em Los Angeles, o NewsGuild-CWA – o sindicato de 24.000 jornalistas em toda a América do Norte e a UNITE HERE, locais no Sul e em Minnesota. Ele se ligou ao tweet dos 8.000 membros locais dos motoristas Teamsters UPS em Nova York, que incluía os hashtags #SaveSheikhJarrah e #FreePalestine junto com a mensagem: “Solidariedade com as pessoas oprimidas em todo o mundo”. A união de professores da CUNY, a City University of New York, condenou “o massacre de palestinos pelo Estado israelense” – e denunciou o “expansionismo e as incursões violentas em territórios ocupados” de Israel. O sindicato de professores da Rutgers em Nova Jersey apelou para que o governo dos EUA “acabe com toda a ajuda que financia violações dos direitos humanos e uma ocupação que é ilegal sob o direito internacional”. O grupo Labor for Palestine exortou “os órgãos trabalhistas dos EUA a se juntarem aos crescentes protestos em massa contra Israel do apartheid”, apoiou o BDS e orgulhosamente mencionou os sindicatos portuários em todo o mundo que se recusavam a lidar com os produtos israelenses.

Houve desenvolvimentos interessantes nos sindicatos de professores dos EUA. A Federação Americana de Professores de São Francisco, os Educadores de São Francisco, tornou-se o primeiro sindicato K-12 nos EUA a apoiar o movimento BDS. Como foi aprovada por 100 capítulos no Leste de Los Angeles, uma resolução será votada no sindicato de Los Angeles quando as escolas reabrirem, pedindo um corte de toda a ajuda externa dos EUA a Israel e o apoio ao BDS. Como o artigo do ITT aponta, isto é especialmente significativo, uma vez que Randi Weingarten, o chefe da AFT, combate a BDS com unhas e dentes e a AFT na verdade tem \$200.000 investidos em títulos de Israel.

A irmã maior da AFT é a Associação Nacional de Educação (NEA). É na verdade o maior sindicato dos Estados Unidos com três

milhões de membros. Os sionistas tinham quase apoplexia quando a Associação de Educação de Seattle votou em apoio à BDS e pelo fim da “Troca Mortal”, pela qual a polícia israelense e americana treinam um ao outro e trocam as piores práticas. A NEA reuniu-se on-line na convenção nacional no início de julho e votou uma resolução pedindo o fim das vendas de armas a Israel e à Arábia Saudita por uma proporção de 3-1. A vil posição conosco ficou satisfeita, mas considerando que os delegados representando 700.000 professores apoiaram a resolução, seu contentamento pode ser de curta duração.

Então, no espírito de Sherlock Holmes, houve o incidente “o cão que não ladrava”. O Comitê Judaico do Trabalho, no qual sempre se pode confiar para alinhar dezenas dos principais líderes trabalhistas dos EUA em apoio aos massacres israelenses ou para condenar o BDS, não fez nada do gênero. Nesta primavera, ele emitiu sua própria declaração de boca fechada e foi isso mesmo.

Também animadora foi uma carta aberta assinada por 16.000 artistas de todo o mundo. Entre eles estavam seis ganhadores do Oscar e oito escritores ganhadores do Prêmio Pulitzer. Ao comentar a violência de maio, a carta afirmava: “Enquadrar isto como uma guerra entre dois lados iguais é falso e enganoso”. Israel é a potência colonizadora. A Palestina é colonizada. Isto não é um conflito: isto é apartheid”. Quanto ao que deve ser feito, os signatários disseram: “Pedimos aos governos que estão permitindo que este crime contra a humanidade aplique sanções, mobilize alavancas de responsabilidade internacional e corte nas relações comerciais, econômicas e culturais”.

Mais importante que resoluções e cartas são ações diretas e houve algum sucesso notável em impedir a empresa israelense Zim de descarregar sua carga na Costa Oeste. Há um grupo chamado AROC, que significa Centro de Recursos e Organização Árabe. Uma das coisas que eles têm organizado são multidões que vão aos portos e montam piquetes de piquete. Em meados de

maio, enquanto jatos israelenses destruíam edifícios em Gaza, a AROC se organizou para deter a Zim em Oakland. Em 17 de maio, Zim decidiu não arriscar a fúria da multidão e anunciou que não atracaria. Tentou novamente em junho, mas em 4 de junho 1.000 pessoas participaram do piquete e os trabalhadores portuários se recusaram a cruzar a linha. Zim foi mais uma vez frustrado.

Em Seattle, o AROC manteve os navios Zim afastados por semanas. A conhecida vereadora socialista Kshama Sawant estava presente na linha de piquete. Os trabalhadores portuários honraram a linha. Finalmente, em 17 de junho, a polícia quebrou o piquete com prisões. (A propósito, a polícia de Seattle treinou ao lado de policiais israelenses duas vezes na última década. #DeadleyExchange) Note que os trabalhadores assumem riscos consideráveis quando optam por honrar as linhas de piquete. Em Prince Rupert, na Columbia Britânica, 94 trabalhadores portuários que respeitaram um piquete #BlockTheBoat foram suspensos por 3 dias pelo Dubai Ports World.

Vamos concluir com um ato individual de heroísmo. Nick Georges, enojado com o que viu israelenses fazendo aos palestinos em visitas de solidariedade à Cisjordânia, decidiu usar suas habilidades para colocar uma bandeira palestina sobre uma estrutura para que todos vissem. A estrutura era um guindaste de 300 pés de altura em um projeto de construção em Londres perto da embaixada dos EUA! Georges escalou os degraus, hasteou a bandeira e acampou precariamente sobre um conjunto de cordas que ele havia levado em sua mochila. Ele permaneceu acordado em condições alternadamente muito frias e muito quentes, em meio a várias ameaças da polícia de ações que certamente o teriam mandado para a morte. Finalmente, após 37 horas e em um estado enfraquecido, ele desceu. É verdade que Georges, de 69 anos, tinha alguma experiência com guindastes de escalada, mas sua última escalada foi há mais de 20 anos! Veja aqui um vídeo de Georges sobre o guindaste e uma

entrevista que fiz com ele, clicando [aqui](#).

Irmãos, irmãs, mártires, seus sacrifícios não foram em vão. A maré está virando.